

## **Emigração de argentinos para a Espanha: fluxos e composição**

*Fernando Osvaldo Esteban \**

As migrações humanas incrementaram-se aceleradamente nas últimas décadas. O volume de migrantes internacionais no mundo mais que duplicou entre 1960 e 2005 (Nações Unidas, 2006). Os deslocamentos de população latinoamericana também se incrementaram notavelmente, sobretudo os que se dirigem para fora da região (Martínez Pizarro, 2008). No caso de Argentina, a evidência empírica ainda é pouco fiável, sabemos que a migração de nativos experimentou uma transformação significativa na última década, inscrevendo o fenômeno no marco geral das tendências mundiais e regionais atuais.

A partir deste contexto, nosso estudo procurou identificar os principais fluxos de emigração de argentinos para a Espanha, o principal país receptor desta emigração depois dos EUA (RATHA y XHU, 2005), e descrever sua composição demográfica atual. Do ponto de vista metodológico, utilizou-se uma abordagem quantitativa mediante a sistematização de informações de diversas fontes estatísticas secundárias.

---

*\* Fernando Osvaldo Esteban - Departament de Sociologia / Universitat Autònoma de Barcelona.*

## **Fluxos migratórios de argentinos para a Espanha: “do exílio ao êxodo”**

A emigração de argentinos para a Espanha é um fenômeno antigo, datando do primeiro quartel do século XX. Sua origem é o “sistema migratório” (KRITZ y ZLOTNIK, 1992) que vinculou Espanha e Argentina após as migrações em massa que levaram milhões de europeus à América<sup>1</sup>. Ainda que as principais correntes migratórias se movessem na direção norte-sul, logo se estabeleceram deslocamentos em sentido inverso, dentro do quadro geral de relações multinacionais de caráter socioeconômico, político e cultural. Posteriormente, a direção dos fluxos foi se invertendo paulatinamente e seu volume e composição foram determinados por conjunturas específicas (crises econômicas, ditaduras, etc.). A seguir descreveremos as correntes mais significativas.

### **O exílio político (1975-1983)**

A ditadura militar gerou um significativo fluxo de migração entre Argentina e Espanha. Somando a quantidade de residentes argentinos e aqueles que obtiveram a cidadania espanhola, identifica-se um crescimento de 58,3% entre 1976 e 1983<sup>2</sup>. Mas a dinâmica migratória real pode ser melhor visualizada ao incluir-se as cifras de 1986, ano em que se produziu o primeiro processo de regularização administrativa de estrangeiros com residência ilegal, que incorporou cerca de 30% de imigrantes argentinos, em sua maior parte migrados durante o período da ditadura e que não haviam conseguido regularizar-se até aquele momento. Entre 1976 e 1986 as cifras oficiais mostram um incremento médio anual de 13,9%. Ao final do citado processo, cerca de 20 mil imigrantes com cidadania argentina haviam chegado à Espanha. A este contingente há que se somar os que já chegaram com cidadania espanhola, embora nascidos na Argentina – um montante desconhecido (ACTIS e ESTEBAN, 2008).

### **Início de uma incipiente migração econômica (1985-1992)**

O fim da ditadura e início da democracia, em 1983, produziu uma redução no fluxo de saídas da Argentina, mas não significou a sua abolição. Além disso, a suposição da volta de uma grande parte da diáspora não se confirmou, retornando apenas uma minoria de imigrantes, impossível, inclusive, de contabilizar. Assim mesmo, é possível pensar que coexistiram deslocamentos em ambas as direções: exilados que retornavam e novos emigrados, agora econômicos (ESTEBAN, 2003).

Em 1991 a Espanha promoveu um segundo processo de regularização de estrangeiros que incorporou boa parte dos que chegaram durante a segunda metade

dos anos oitenta. A comparação entre as cifras de residentes e nacionalizados entre 1987 e 1992 demonstra um incremento médio anual de 12,9% (com crescimentos importantes em 1989, 1990 e 1991), porcentagem inferior ao período anterior. Portanto, podemos afirmar que a segunda metade dos anos oitenta, especialmente na “crise da superinflação” (1989-1990), teve como resultado um novo fluxo de migrantes para a Espanha.

### **Recessão e retomada da emigração (1993-2000)**

A estabilização socioeconômica ocorrida na Argentina a partir de 1992, consequência da implantação de um novo modelo de desenvolvimento de tipo neoliberal, resultou numa queda no número de emigrantes. Mas, a partir de 1995 iniciou-se o esgotamento daquele modelo e afetou a distintos segmentos da sociedade, favorecendo a retomada estratégica emigratória de cidadãos de diferentes classes sociais. Os registros do *Ministerio del Interior* de pessoas nascidas na Argentina (com nacionalidade desse país, espanhola ou italiana) mostram um crescimento importante entre janeiro de 1996 (57.835 pessoas) e janeiro de 2000 (70.941). O incremento anual superou os 10% em 1999, fenômeno que indica uma aceleração migratória no final do último governo de Menem. Durante esse período, cerca de dois terços da população nascida na Argentina tinha cidadania espanhola (66,4% em 1996 e 62,9% em 2000); menos da metade obteve após dois anos de residência no país e o restante por ser descendente de emigrantes espanhóis.

### **A chegada massiva (2001-2009)**

Durante o período 2001-2009, produziu-se um aumento sem precedentes do número de imigrados argentinos: dos 70.941 registrados no início de 2000 passou-se a 293.227 em 2009 (a cifra deste ano é ainda preliminar); o que significa um crescimento de 316%, ou seja, migraram mais pessoas da Argentina para a Espanha do que ao longo de mais de três décadas<sup>3</sup>. Para se ter uma melhor ideia, os incrementos mais significativos foram os de 2001 e 2002, com 37,9% e 55,8% respectivamente; precisamente os dois anos mais agudos da crise econômica argentina. Em 2005, a legalização extraordinária de estrangeiros que fez o governo espanhol (ver AJA e ARANGO, 2007), aumentou a quantidade de residentes argentinos em 46% (a maioria havia chegado em anos anteriores, mas permaneciam ilegais). Logo houve uma diminuição no fluxo migratório, justificado pelo equilíbrio político do governo democrático e, conseqüentemente, por certa melhora em alguns indicadores sociais. Entretanto, as cifras de 2008 e 2009 apontam para um novo crescimento migratório (6,4% e 1% respectivamente), o que não se explica a partir dos fatores de expulsão, como sucedeu entre 2001 e 2004. A Tabela I ilustra estas tendências.

**Tabela I.** População de origem argentina registada na Espanha em 1º de janeiro (1998-2009)

Ano	Total	Cresc.%
1998	61.323	13,9%
1999	64.020	4,4%
2000	70.491	10,1%
2001	84.872	20,4%
2002	118.903	40,1%
2003	191.653	61,2%
2004	226.548	18,2%
2005	260.386	14,9%
2006	271.444	4,2%
2007	272.985	0,6%
2008	290.281	6,3%
2009*	293.227	1,0%

FONTE: *Explotación Estadística del Padrón de Habitantes*. (INE) e elaboração própria.

\*Dados preliminares.

## Características atuais da população de origem argentina na Espanha

Como consequência do elevado crescimento da migração, produziu-se uma transformação integral na composição dos residentes argentinos na Espanha. A seguir descreveremos os principais resultados deste processo a partir de fontes secundárias.

### **Status jurídico: da supremacia de comunitários à legalização dos irregulares**

Se observamos a nacionalidade dos imigrados argentinos na *Explotación Estadística del Padrón de Habitantes* (INE), identificamos diferentes grupos, classificados de acordo com sua condição jurídica:

a) Os possuidores de uma nacionalidade comunitária, principalmente espanhóis, mas também italianos, sobretudo a partir da crise econômica argentina nos anos 2001 e 2002. Trata-se de uma particularidade dos argentinos frente a outras coletividades latinoamericanas e estrangeiros em geral, em virtude de muitos migrantes serem descendentes de antigos emigrantes europeus na Argentina. Neste sentido, o fluxo migratório poderia ser entendido como um “retorno”.

b) O grupo de nacionalidade espanhola cresceu 97%, em contraste com o de nacionalidade italiana, que apresentou um incremento de 835%. O aumento percentual dos “hispanoargentinos” foi mais moderado em virtude da existência de um número elevado em anos anteriores (quase 50 mil em 2000). Porém, em valores absolutos o aumento foi superior ao dos italianos: 45 mil pessoas. Destes, a maioria já chegou ao país com a nacionalidade herdada por pais e/ou avós espanhóis.

O aumento espetacular de “ítoaloargentinos” obedece à mesma razão. Muitos argentinos “recuperaram” a nacionalidade italiana dos seus ancestrais emigrados à Argentina (onde ainda hoje constituem a terceira minoria estrangeira, depois de paraguaios e bolivianos).

c) Imigrantes com nacionalidade argentina, entre os que se pode distinguir os possuidores de autorização de residência e os que se encontram em situação irregular. O conjunto da população com nacionalidade argentina incrementou-se em 348%, se bem que os “legalizados” cresceram mais do que os “irregulares” (478% e 211% respectivamente), estes se mantêm ainda hoje em níveis elevados (uma população estimada em quase 50 mil pessoas), o que torna mais importante os efeitos da política migratória espanhola<sup>4</sup>.

Em síntese, tomando como referência as cifras de 2000, 63% dos imigrados tinha nacionalidade espanhola, 33% argentina e 4% de outro país. Entretanto, no início de 2009 apenas 39% dos migrados tinha nacionalidade espanhola, os de nacionalidade argentina representavam 47%, os de nacionalidade italiana 17% e os de outra nacionalidade 7%.

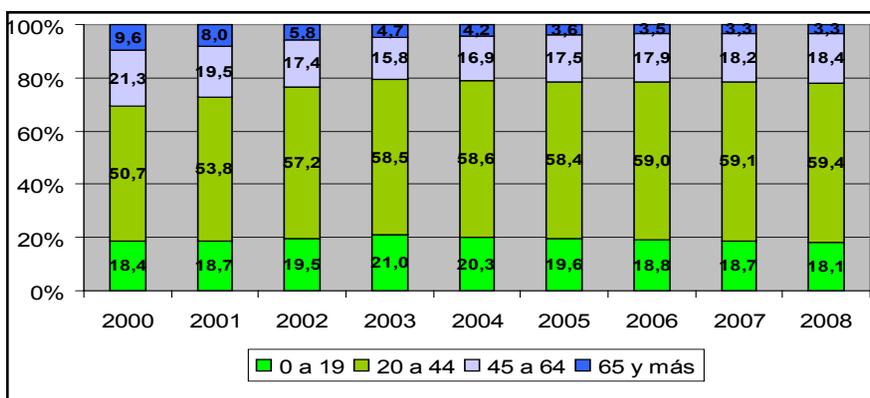
## **Demografia: grupos familiares e “segunda geração”**

Com relação à distribuição dos imigrados de origem argentina por sexo, observamos na *Explotación Estadística del Padrón de Habitantes* (INE) que houve um incremento na proporção de homens (de 48,3% no início de 2000 para 51,8% em 2008), revertendo o predomínio inicial feminino, em conformidade com uma tendência histórica de equilíbrio entre os sexos<sup>5</sup>. Portanto, o êxodo em massa esteve composto por pessoas de ambos os sexos, entretanto, com uma maior proporção de homens.

No tocante à idade, pode-se observar na mesma fonte que a chegada massiva de população adulta jovem (entre 20 e 44 anos) rejuveneceu o coletivo no seu conjunto. Depois do último fluxo, a população menor de 45 anos passou de 69,1% (2000) para 77,5% (2008), enquanto reduziu-se a importância dos grupos com idade mais avançada (as pessoas maiores de 45 anos, que compunham 30,9% em 2000, passaram a representar 21,7% em 2008). É interessante destacar, ademais,

que o ritmo de crescimento da população com menos de 20 anos (630%) não foi tão desigual ao do recorte de 20 a 44 anos (773%), o que evidencia a migração de grupos familiares que incluíram duas gerações: pais e filhos menores de idade. Por outro lado, ainda que num ritmo muito inferior, os maiores de 65 anos também cresceram (de 2.506 para 7.957, ou seja, 217% entre 2000 e 2008), um fato que revela a profundidade da crise na Argentina já que não é habitual a emigração de pessoas mais idosas. Ver a Figura I.

**Figura I.** População nascida na Argentina registrada na Espanha, conforme grandes grupos de idade (2000-2008).



FONTES: *Explotación Estadística del Padrón de Habitantes* (INE) e elaboração própria.

## Nível educacional: descenso do padrão e queda de um estereótipo

Concernente ao grau de escolaridade, conforme a *Encuesta Nacional de Inmigrantes 2007* (INE, 2007) parece evidente que a imigração argentina apresenta, em geral, níveis educacionais mais elevados que os de outras coletividades de imigrantes extracomunitários e similares aos níveis europeus (União Europeia-27), bem como marcadamente diferenciados no interior do seu próprio coletivo. Assim, estar-se-ia distanciando de um estereótipo dominante que caracterizava a migração argentina como altamente qualificada, baseado seguramente numa tipologia de fluxos migratórios que prevaleceram até princípios dos 1970 (ACTIS e ESTEBAN, 2008, p.101).

Na Tabela II expomos as proporções por grau de estudos dos argentinos empregados com mais de três anos vivendo na Espanha. Nela, podemos observar que mais de um terço possuía estudo superior (29,4% com licenciatura curta e 4,1% com licenciatura plena) e 42,4% completaram o ensino médio; mesmo assim, existe

uma população com baixo grau de escolaridade: 1,6% não finalizaram o ensino básico, 11,1% só contam com a educação básica e 9,1% só atingiram a primeira fase do ensino médio. Sem dúvida, o incremento do volume e a aceleração do processo migratório contribuíram para diminuir a seleção dos emigrados.

**Tabela II.** Imigrantes de origem argentina, empregados, com mais de 3 anos de residência, conforme o grau de estudos terminados – 2007 (Em porcentagem).

Nível Educativo	%
Educação básica incompleta	1,6%
Educação básica	11,1%
Primeiro ano do ensino médio	9,1%
Segundo ano do ensino médio	42,4%
Licenciatura curta	29,4%

FONTE: *Encuesta Nacional de Inmigrantes* (INE, 2007) e elaboração própria.

## **Integração socioeconômica dos imigrantes de origem argentina na Espanha. O acesso ao mercado de trabalho**

Conforme o censo de 2001, a taxa de ocupação dos argentinos era de 55%, enquanto em 2005, após a chegada dos contingentes em massa, a *Encuesta de Población Activa* (INE) indicava que havia sido elevada para 75%. Embora as duas fontes não sejam estritamente comparáveis, a magnitude das diferenças assinala para o grande peso do componente laboral no último fluxo migratório, especialmente se o compararmos com a taxa de ocupação vigente na Argentina no segundo trimestre de 2005, que era de 45,6% (INDEC, 2009). O nível de ocupação dos imigrados argentinos, de acordo com a *Encuesta* mencionada anteriormente, era superior ao da população espanhola e dos estrangeiros da União Europeia (considerando 15 países integrantes) sendo este de 56%, bem como superior ao da imigração africana, com 69,8% e da asiática, com 66,2%, porém não atingia os níveis dos demais latinoamericanos, dos europeus do Leste e dos novos países membros da UE (todos acima de 80%). Portanto, o nível de ocupação situava os argentinos no campo dos imigrantes econômicos extracomunitários, que se distingue claramente do perfil da população espanhola e da procedente da União Europeia-15.

**Tabela III.** Imigrantes, com mais de 3 anos de residência e que trabalham, por continentes e países mais representativos, conforme o ramo de atividade atual. Em porcentagem.

	Agricultura, pesca, mineração	Indústria manuf. Produção distribuição energia Transporte	Construção	Comércio; Hotelaria	Intermed. financeira Ativ. imobiliárias Serv. Empresa.	Ad. Pública Atív. sociais	Atividades do lar
Argentina	0,2	16,8	11,5	33,2	12,1	20,7	5,4
Bolívia	6,4	14,4	20,3	14,4	8,3	4,7	31,4
Colômbia	2,4	15,8	15,1	26,2	13,1	10,9	16,5
Equador	7,3	16,1	24,0	25,6	7,3	4,8	14,8
Marrocos	15,3	16,0	30,5	22,1	5,7	7,2	3,0
Romênia e Bulgária	6,7	15,9	32,1	17,7	8,5	4,3	14,8
Países Asiáticos e da Oceania	4,5	8,7	13,8	51,3	7,5	8,9	5,2
UE 27 sem Espanha	4,6	19,2	12,6	22,2	12,0	15,4	7,4
Total	5,4	17,1	19,3	25,8	10,1	12,6	9,4

FONTE: *Encuesta Nacional de Inmigrantes* (INE, 2007) e elaboração própria.

Todavia, se observamos a inserção laboral atual dos imigrantes na *Encuesta Nacional de Inmigrantes 2007* (Tabela III), observamos que a maioria dos imigrados da Argentina conseguiu evitar os “empregos típicos de imigrantes” (serviço doméstico, agricultura, em menor medida, e construção), ainda que estejam bem presentes em outros (hotelaria e comércio), porém encontram-se também inseridos em ramos de atividade de maior prestígio (imobiliário, financeiro, indústria, transporte e até mesmo na administração pública).

No entanto, a simples distribuição por ramos de atividade não descreve adequadamente a situação ocupacional. Portanto, na Tabela IV apresentamos a distribuição dos trabalhadores de origem argentina e de países mais representativos, de acordo com sua ocupação atual. Nela constatamos a existência de perfis diferenciados e em extremos opostos da escala ocupacional. Assim, encontramos 9,5% empregados em direção de empresas e administrações públicas, 14,9% de profissionais e cientistas e 12,7% de técnicos de apoio. Categorias nas quais somente os trabalhadores procedentes da UE-15 e de países asiáticos (a maioria hoteleiros autônomos) têm maior representatividade. Por outro lado, há 55% de trabalhadores empregados em tarefas manuais: sendo 40,7% trabalhadores qualificados (construção, serviços, indústria, agricultura e mineração); 6,2%

operadores e montadores de maquinarias e 8% trabalhadores não qualificados. Esta “dualidade” indica que, apesar de se encontrar numa situação relativamente favorável com relação a outros coletivos de imigrantes extracomunitários, há um contingente da imigração argentina trabalhando no segmento secundário do mercado de trabalho.

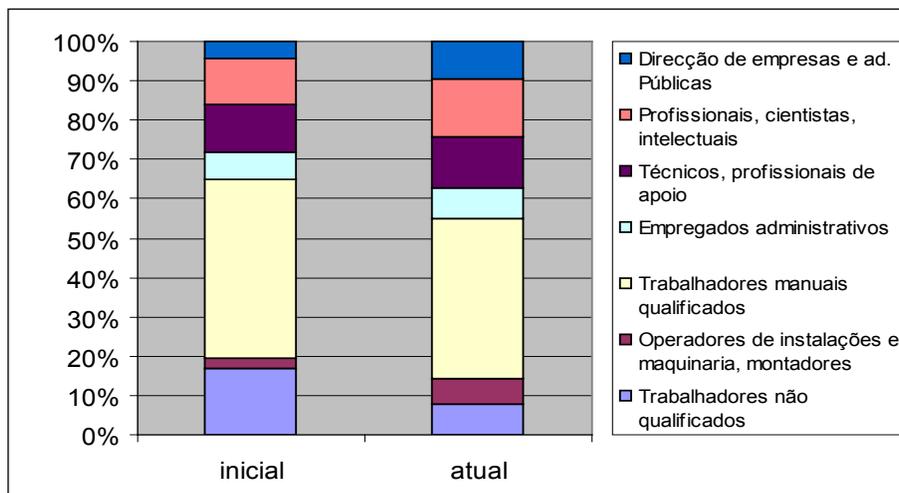
**Tabela IV.** Imigrantes com mais de 3 anos de residência e que trabalham, por continentes e países mais representativos, conforme ocupação atual (2008). Em porcentagem.

	Direção de empresas e ad. pública	Profissionais, cientistas, intelectuais	Técnicos, profissionais de apoio	Empregados administrativos	Trabalhadores manuais qualificados	Operadores maquinaria	Trabalhadores não qualificados
Argentina	9,5	14,9	12,7	8,0	40,7	6,2	8,0
Bolívia	0,1	1,6	0,4	4,0	51,4	3,2	38,9
Colômbia	3,0	2,8	6,8	4,7	40,2	8,3	33,8
Equador	0,5	0,9	0,8	5,1	43,9	8,7	40,0
Marrocos	2,8	3,8	2,8	3,3	39,4	7,6	40,2
Romênia e Bulgária	1,0	0,8	1,8	2,2	44,8	10,5	39,0
Países Asiáticos e da Oceania	13,5	8,2	4,3	2,1	48,4	3,2	20,2
UE 27 sem Espanha	9,6	10,9	8,9	6,0	36,1	7,4	20,9
Total	6,1	8,1	6,6	5,3	39,7	7,0	27,1

FONTE: *Encuesta Nacional de Inmigrantes* (INE, 2007) e elaboração própria.

Esta “fotografia” atual é resultado de trajetórias ocupacionais diferentes. A *Encuesta Nacional de Inmigrantes* (INE, 2007) permite conhecer a ocupação inicial e atual dos imigrantes e, portanto, a existência e direção da mobilidade ocupacional. No Figura II, os dados agregados para todos os imigrantes de origem argentina ocupados, com mais de três anos de residência na Espanha, demonstram que *sua situação atual na estrutura ocupacional é o resultado de um significativo processo de mobilidade ascendente*. Este processo se manifesta na diminuição da proporção de trabalhadores manuais (de 64,8% para 54,9%); sobretudo dos trabalhadores não qualificados, que passaram de 16,7% para 8%; e no incremento dos trabalhadores qualificados: os profissionais, cientistas e intelectuais passaram de 11,7% para 14,9%, e o pessoal de direção de empresas e administrações públicas de 4,2% para 9,5%.

**Figura II.** Imigrantes de origem argentina, com mais de 3 anos de residência e que trabalham, conforme sua ocupação inicial e atual. Em porcentagem.



FONTE: *Encuesta Nacional de Inmigrantes* (INE, 2007) e elaboração própria

## CONCLUSÕES

A emigração de argentinos para a Espanha é um fenômeno antigo, sua origem remonta ao “sistema migratório” que vinculou os dois países, após a grande migração de europeus para América, originada no primeiro quartel do século XX. No entanto, começou a desenvolver-se em meados dos anos de 1970, com a chegada dos exilados políticos (1976–1983) e ganhou intensidade, posteriormente, com o ingresso de migrantes econômicos, sobretudo a partir da crise argentina de 2001. Por isso, a migração de argentinos para a Espanha já não pode ser qualificada como fenômeno conjuntural (o exílio político ou a fuga precipitada de uma crise econômica). Isso nos faz afirmar que o padrão migratório histórico da Argentina mudou: continua recebendo importantes contingentes de população forânea e, ademais, gera fluxos migratórios significativos para sociedades mais desenvolvidas, em sintonia com os demais países do subcontinente latinoamericano.

O último fluxo em massa transformou integralmente o conjunto dos imigrantes, produzindo uma maior heterogeneidade social, a saber: a) cresceu a proporção de pessoas que só possuem ensino básico e primeira fase do ensino médio, e assim, estar-se-ia distanciando de um estereótipo dominante que caracterizava a migração argentina como altamente qualificada; b) a maioria dos imigrados conseguiu evitar os “empregos típicos de imigrantes” (serviço doméstico, agricultura, etc.), mesmo assim, estiveram presentes em outros (hotelaria e comércio).

## Notas

1 - Sistema que se inclui dentro de outro com alcance maior, composto por Uruguai, Sul do Brasil e a pampa húmida argentina, de um lado, e Portugal, Espanha e Itália, do outro (ACTIS e ESTEBAN, 2008, p. 82).

2 - De acordo com as Estatísticas de residentes estrangeiros do *Ministerio del Interior* da Espanha.

3 - O Registro de Habitantes (Explotación Estadística del Padrón de Habitantes, INE) converteu-se na fonte mais confiável para medir o volume e descrever a composição da imigração estrangeira na Espanha, a partir da reforma legislativa que concede direitos aos estrangeiros registados, ainda que careçam de residência legal no país (Lei 4/2000 de 11 de janeiro, sobre Direitos e Liberdades dos Estrangeiros na Espanha e sua Integração Social).

4 - Com relação à legalização de estrangeiros em 2005 e os canais abertos a partir deste momento para a regularização de estrangeiros “sem papéis” na Espanha, ver Aja e Arango, 2007.

5 - Diferentemente de outras coletividades latinoamericanas, nas quais existe um forte predomínio feminino: dominicanos (62,4%); colombianos (56,6%); bolivianos (55,6%); peruanos (53,8%); equatorianos (51%).

## Referências

ACTIS, Walter; ESTEBAN, Fernando, O. Argentinos en España: inmigrantes a pesar de todo. En: *Migraciones*, 23, 2008, p. 79-115.

AJA, Eliseo; ARANGO, Joaquín (Eds). *Veinte años de inmigración en España*. Barcelona: Fundació CIDOB, 2007.

ESTEBAN, Fernando O. Dinámica Migratoria argentina: inmigración y exilios. *América Latina hoy*, 34, 2003, p.15-34.

INDEC (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS). *Información de Prensa. Movimiento Internacional de Personas a través de los principales puestos migratorios del Gran Bs. As.* Buenos Aires, 2004.

ESTEBAN, Fernando O. *Tasa de actividad, empleo, desocupación y subocupación por regiones y aglomerados urbanos desde el primer trimestre de 2003 en adelante*. [On line]. Buenos Aires, INDEC, 2009. Disponível em: <[http://www.indec.gov.ar/nuevaweb/cuadros/4/sh\\_eph\\_continuatrimstral.xls](http://www.indec.gov.ar/nuevaweb/cuadros/4/sh_eph_continuatrimstral.xls)> Acesso em: 23 março 2009.

INE (Instituto Nacional de Estadística). *Encuesta Nacional de Inmigrantes 2007*. [On line] Madrid, INE, 2007. Disponível em: <[http://www.ine.es/jaxi/menu.do?type=pcaxis&path=%2Ft20%2Fp311\\_new&file=inebase&L=>](http://www.ine.es/jaxi/menu.do?type=pcaxis&path=%2Ft20%2Fp311_new&file=inebase&L=>)> Acesso em: 13 julho 2009.

INE. *Explotación Estadística del Padrón de Habitantes*. [On line] Madrid, INE, em vários anos. Disponível em: <<http://www.ine.es/jaxi/menu.do?type=pcaxis&path=/t20/e245/&file=inebase>> Acesso em: 13 julho 2009.

INE. *Encuesta de Población Activa*. [On line] Madrid, INE, em vários anos, Disponível em:<[http://www.ine.es/jaxi/menu.do?type=pcaxis&path=%2Ft22/e308\\_mnu&file=inebase&L=0](http://www.ine.es/jaxi/menu.do?type=pcaxis&path=%2Ft22/e308_mnu&file=inebase&L=0)> Acesso em: 14 março 2009.

- KRITZ, M. M.; ZLOTNIK, H. Global interactions: migration system, processes, and policies. En KRITZ, M., M.; LIM, LEAN, L.; ZLOTNIK, H. *International migration systems. A global approach*. Oxford: Claredon Press, 1992, p. 1-15.
- MARTÍNEZ PIZARRO, Jorge. *América Latina y el Caribe: migración internacional, derechos humanos y desarrollo*. Santiago de Chile: CEPAL, 2008.
- MINISTERIO DEL INTERIOR. *Estadística de residentes extranjeros*, Madrid, em vários anos.
- Nações Unidas. *Trends in total migration stock: the 2005 revision*. CD-Room documentation. [On line] New York: United Nation, 2006. Disponível em: <[http://www.un.org/esa/population/publications/migration/UN\\_Migrant\\_Stock\\_Documentation\\_2005.pdf](http://www.un.org/esa/population/publications/migration/UN_Migrant_Stock_Documentation_2005.pdf)> Acesso em: 14 março 2009.
- RATHA, Dilip; XHU, Zhimei. *Migration and remittances factbook*. Washington: World Bank, 2005.

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o processo migratório de argentinos para a Espanha e as suas características depois da crise econômica argentina em 2001. Do ponto de vista metodológico, foi utilizada a abordagem quantitativa. O trabalho identificou a evolução dos principais fluxos migratórios (finais dos anos 1970/80 e início do século XXI), bem como a composição demográfica dos imigrantes argentinos de acordo com as variáveis sexo, idade, cidadania e grau de instrução. Algumas características mostram peculiaridades da imigração argentina com relação aos demais imigrantes “não comunitários”, no entanto, outras mostram que se trata de uma imigração econômica. Assim, concluímos que o padrão migratório da Argentina mudou, convertendo a emigração econômica de nativos num processo estrutural.

**Palavras-chave:** Argentina, Espanha, migração internacional.

### ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the migratory processes from Argentineans to Spain, as well as their characteristics after Argentine crisis in 2001. Using quantitative methodological perspectives, we identify the most important migratory waves that occurred by the end of the seventies, during the eighties, and in the beginning of the 21st century. Besides, we studied population composition according to gender, age, education level and citizenship. Some of these characteristics show peculiarities of Argentinean immigration when compared to the rest of non communitarian immigrants. However, others characteristics indicate that we are dealing with economic migrants. We concluded that the Argentinean migration patterns have changed and the emigration of natives has become a structural process.

**Key words:** Argentina, Spain, international migration.